
Uma experiência de cura pequena e gratuita

“Diz-se que nos curamos de dentro para fora, mas isso pode ser um processo lento. É uma viagem profundamente espiritual que deve ser empreendida com honestidade e confiança em Deus”.
(Ir. Peter Carroll – Vozes Maristas, Capítulo 5)

Daniel Felipelli

Diretor Executivo da *Fundación Marista*
Província de Cruz del Sur, Argentina



Olá, queridos maristas de Champagnat! Atualmente sou professor, coordenador da equipa de Recursos Humanos e membro do Conselho Provincial da Missão. Devo advertir o leitor que não sou a melhor pessoa para escrever sobre liderança espiritual, nem sobre cura; sou frágil, talvez demasiado frágil nestes aspectos. Compreendo que Jesus, como tantas vezes, faz da minha fragilidade um instrumento do seu amor infinito. É por isso que aceitei de bom grado este serviço que me foi confiado.

Começarei por comentar brevemente algumas experiências que marcaram o caminho no que diz respeito à cura e ao exercício da liderança neste domínio:

Em criança, fui criado pelos meus avós, na sombra de ter nascido logo a seguir ao seu filho falecido. A minha educação humilde num subúrbio ajudou-me muito na minha liderança, andando sempre no meio de pessoas simples, o que me deu a possibilidade de descobrir a importância das pequenas coisas da vida.

Lembro-me de quando era criança, na escola, rezar ao Beato Marcelino Champagnat e pedir-lhe que modelasse a minha vida, oferecendo-lhe tudo o que ele me pudesse confiar. Compreendo agora que foi aí que começou o meu longo caminho vocacional. A minha formação pastoral foi com os padres diocesanos, uma congregação que me deu o desejo de servir pelos e para os jovens, no entanto, nunca fui “amigo” da pastoral tradicional, pois sempre a achei aborrecida e sectária. O Irmão Pedro, no seu capítulo sobre a cura, recorda-nos: “antes de mais, há o encontro” e eu sempre me senti cativado por esta parte da vida de Jesus, pelo que a assumi como a minha própria maneira de viver e de sentir.



À medida que fui crescendo, apercebi-me de que, nas ocasiões em que não era aceite, sentia desilusão e tristeza, como um leão ferido que resolvia tudo com raiva e fúria. Não conseguia afastar esse sentimento do meu coração, não sabia como, e perguntando-me sempre quais eram as causas desses estados, não encontrava outra resposta senão as minhas experiências de infância. Sem muitas outras ferramentas, o tempo foi passando e dei por mim a desenvolver papéis de liderança na comunidade. Por vezes, voltava para casa frustrado e triste, com a sensação de que estava a dar demasiado e a fazê-lo mal, de que não era o líder que os serviços a que estava confiado mereciam. No entanto, havia uma coisa que me fazia continuar: alguém confiava sempre em mim, na minha fragilidade, certas pessoas viam a luz onde eu via a escuridão. Para citar o irmão Peter Carroll: “Palavras simples, sempre” (Carroll:97). Tal como Jesus restaurava as pessoas na sua integridade, eu sentia-me restaurado por Ele, quando as pessoas escolhiam confiar em mim, apesar das minhas fragilidades.

O processo de cura

Estávamos em 2020, no início da pandemia da COVID-19, e eu desempenhava três funções de liderança diferentes. Tinha dependentes, um stress desmedido, 25 quilos de excesso de peso e tensão arterial elevada aos 35 anos. Tinha perdido o meu pai e quase todos os meus avós, a minha família era constituída pela minha mulher e dois filhos. Sofria com os conflitos de gestão com pessoas que, tal como eu, não se tinham curado e que se “defendiam” ferozmente para preservar a sua baixa autoestima e o seu ego. Dia após dia, uma ideia repetia-se nos meus pensamentos: não tinha mais tempo, se queria servir, se queria ser feliz, se queria cumprir a minha missão e viver, tinha de me curar.

“Jesus podia curar porque ele próprio estava curado” (Carroll, 99). Ninguém pode dar o que não tem, como Jesus deixou claro aos seus discípulos: “Reuniu os doze e deu-lhes autoridade e poder sobre todos os demónios e para curar doenças. Depois enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar” (Lc 9,1-2).

Apercebi-me de que tinha de começar a minha viagem espiritual de cura de dentro para fora. Como foi difícil para mim embarcar no caminho do silêncio, como foi complexo escutar o meu interior e conectar-me com Jesus e com aquela criança ferida que prometeu a Marcelino Champagnat sua vida e seu serviço.

“Cura as tuas feridas, aceita os teus limites e purifica os teus desejos. Vence o egoísmo e a mesquinhez, e procura eliminar do teu coração todo o ressentimento” (cf Mt 5, 23-24). Era o início do caminho: curar, aceitar, pôr de lado o ego e o individualismo. Palavras tão simples quanto difíceis de viver. Como é que se começa este processo? Com o tempo... Compreender essa pequena “teologia da lentidão” para sentir e fazer as coisas. Como fazê-lo sendo argentino, portenho, de ascendência napolitana, hiperativo e ansioso? O mais importante foi pedir ajuda, pois, como na liderança, a fragilidade faz parte do nosso maior tesouro. Reconhecer a nossa fragilidade retira o véu do ego para poder amar e não se sentir ameaçado, é um desafio deixar entrar os outros e Jesus na minha vida. Não podemos curar-nos sozinhos, temos de o fazer com os outros e em comunidade, promover esta cura e trabalhar pela paz.

A segunda é o Perdão: “Se queremos verdadeiramente servir e curar os outros, temos de aprender a perdoar e a pedir perdão aos outros” (Carroll:106).

E a terceira é a Humildade. Por vezes, as responsabilidades profissionais fazem-nos acreditar que somos infalíveis, necessários e únicos na resolução dos problemas do trabalho. Os cargos de chefia fazem-nos sentir importantes, com a possibilidade de tomar decisões e coordenar equipas de trabalho. Todo este ego excessivo faz crescer dentro de nós uma doença mortal: a crença de que temos razão para todas as respostas e que mais ninguém tem. O caminho para a cura não é possível sem humildade: aceitar que não temos todas as respostas ou as respostas certas, e que é impossível





liderar e servir sem esta característica. “A liderança baseada na humildade é aberta e acolhedora. Está empenhada em trabalhar no interesse dos outros. Dá prioridade às necessidades daqueles que acompanhamos” (Carroll:111).

Como verá, meu caro leitor, não contribuí muito em aspectos teológicos, nem em conceitos bíblicos; tentei partilhar consigo uma parte da minha vida e dos meus pontos fortes e fracos. Só me esqueci de um pormenor muito importante que quero que saiba: o humor e a alegria salvaram-me a vida. Viver com alegria e ter sentido de humor tornaram possível o meu processo de cura, bem como o serviço de liderança.

Como partilhei convosco no início deste documento, é e será o meu maior desafio construir um horizonte profético que me guie como um caminho de serviço e de esperança para a nossa Missão como Maristas de Champagnat.

Por fim, gostaria de vos apresentar este parágrafo, que nos recorda que curar, servir e liderar é também uma escolha livre:

“Um dia, enquanto cavalgava por uma planície perto de Assis, Francisco encontrou inesperadamente um leproso. Sentiu um horror intenso, mas lembrando-se de que tinha escolhido uma vida perfeita e que, acima de tudo, devia vencer-se a si próprio se quisesse ser “soldado de Cristo” (2Tm 2,3), saltou do cavalo para abraçar o infeliz. Este, que estendera a mão pedindo apenas uma esmola, recebeu, juntamente com o dinheiro, um beijo.”



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it